

Nova técnica reduz riscos e complicações de cirurgias

Que tal uma câmera de vídeo dentro da barriga — colocada através do umbigo — mostrando os passos em falso do organismo e, melhor ainda, ajudando a corrigi-los? Considerada a mais nova vedete entre os cirurgões abdominais e ginecológicos em todo o mundo, a técnica conhecida como videolaparoscopia começa a fazer sucesso também no Brasil. Responsável principalmente pela rápida recuperação dos que sofreram de problemas abdominais, a cirurgia é realizada com cortes mínimos — de, no máximo, um centímetro — e com alta proteção.

Como os cortes são muito pequenos, o risco de infecção no pós-operatório cai pela metade quando comparado às cirurgias tradicionais, com cortes maiores na barriga. Segundo o ginecologista de Brasília Carlos Miranda, pela videolaparoscopia se é capaz de operar desde laqueaduras até doenças graves, como câncer. Também pode ser usada para retirar cistos no ovário, desfazer aderências entre órgãos, eliminar inflamações das trompas, apendicite, miomas, gravidez tubária, endometriose (refluxo menstrual para dentro da cavidade abdominal, provocando alterações que levam a dor pélvica e infertilidade), entre tantas outras.

“Apesar de ser um procedimento novo no Brasil, a videolaparoscopia tem tudo para substituir grande parte das cirurgias tradicionais no abdome”, diz Miranda. Na Europa e nos Estados Unidos, cerca de 70% das cirurgias ginecológicas realizadas em grandes centros médicos já utilizam a técnica.

VANTAGENS

A ginecologista Ceres Resende, também de Brasília, apresenta as vantagens da nova técnica cirúrgica: o sangramento é mínimo; o tempo de internação do pós-operatório diminui em três vezes; os riscos de se formar uma hérnia abdominal ou aderências entre os órgãos ficam reduzidos em até cinco vezes. “Esteticamente, também, a técnica cirúrgica é quase perfeita. As cicatrizes são minúsculas”, explica Ceres.

Apesar de ser uma técnica mais cara e que exige mais preparo do especialista, a videolaparoscopia já estabeleceu seu espaço. “Em torno de cinco anos, esse tipo de cirurgia será rotineiro no país”, garante Miranda.

As complicações que podem ocorrer, segundo Ceres, seriam lesão de alças do intestino, da bexiga ou de vasos sanguíneos. Mas afinal, explica Ceres, toda cirurgia, por mais simples que seja, oferece riscos.

Apesar de motivar médicos e doentes, a videolaparoscopia não pode ser aplicada em todas as pessoas. Quem sofre de obesidade excessiva e de problemas cardíacos ou pulmonares graves, não deve ser submetido a essa cirurgia.